

O PATOLÓGICO



EXAME DO CREMESP

OBRIGATÓRIO?

Dossiê sobre o
Exame do Cremesp - p.4

Questão do Internato - p.7

Calourada - p.8

Greve das
Federais - p.10

Aprendiz de Medicina:
textos de estudantes e
pacientes no aprendizado
da profissão - p. 11 e 13

Descubra como foi o
Workshop 2012 - p.12

Spasmo! - p.14

EDITORIAL

Financeiro

Desde 2010 enfrentamos dificuldades na utilização do repasse ao Centro Acadêmico. Foram criadas várias formas de burocratizar o acesso a um recurso que por direito foi conquistado pelos estudantes interessados em realizar mudanças na universidade.

No início, recebíamos o aluguel das cantinas em nossas contas e podíamos negociar diretamente com os donos delas. Como os repasses acabavam sendo desiguais entre os centros acadêmicos, a administração da universidade decidiu colocar tudo num "bolo" e dividi-lo a fim de contemplar todos os cursos de acordo com o número de alunos de cada instituto. Dessa forma, em 2011 recebemos um edital com novas regras para utilização da subvenção e tentamos nos adaptar a elas. Feito isso, por um ano recebemos o dinheiro em nossas contas, mediante prestação de contas semestral. Novamente surgiu um empecilho: os estudantes não conseguiam prestar contas dos recursos recebidos nos moldes propostos, e em muitos casos tinham que o devolver. O CAAL foi um dos poucos que conseguiu colocar suas contas em dia e usar a verba de acordo com as novas regras, e ainda assim houve problemas. Recibo com justifica-

tiva não era suficiente e nota fiscal que não fosse em nome do CAAL era recusada...

E então no fim de 2011 descobrimos em visita à Reitoria que a forma de repasse mudaria mais uma vez. As unidades/ institutos agora recebem (ou retêm?) o repasse e o Centro Acadêmico faz solicitações de compra do que precisa. Com no mínimo 15 dias de antecedência... E as necessidades de última hora? Como ficariam? Mais uma novela para entender o que é solicitação de compra e o que poderíamos incluir aí.

O maior golpe veio com a impossibilidade de contratar um funcionário. Pra um Centro Acadêmico de um curso integral ficou muito difícil manter a mesma disponibilidade de antes. O lucro do Workshop, já minguado nesse ano com a porcentagem destinada às ligas, não supria um funcionário, mesas, congressos, Happy Hours, CASU, Showmed. A falência era o que enxergávamos como futuro mais próximo. Cortes de orçamento drásticos foram necessários.

Desde então negociamos sem descanso formas menos engessadas de movimentar os 50 mil com os quais habitualmente contávamos e que ainda assim não conseguiam cobrir todos os nossos gastos.

Paíra uma indignação silenciosa diante do

absurdo de não se poder gastar com liberdade um recurso que teoricamente é nosso. Não é difícil perceber a intenção de limitar a movimentação estudantil e dificultar a realização de reivindicações.

Daqui a pouco tá o CAAL na rua pra pedir esmola... ou não.

Brunely Galvão - 48

Demissões de professores do Departamento de Saúde Coletiva

Os alunos sentem falta da presença sempre dedicada e comprometida da psicóloga Mariana Dorsa e da antropóloga Carmen Siqueira, que ministravam aulas para o 1º, 2º e 5º anos de Medicina. Lamentamos a demissão de duas professoras muito trabalhadoras e queridas no Departamento de Saúde Coletiva. Os alunos realizaram um abaixo-assinado e uma recontração foi prometida, mas por enquanto o quadro de docentes continua sem as nossas professoras.



EDITORIAL

Porque perder seu tempo não é perder seu tempo

Pois é, dizem que só fazemos aquilo que faz sentido pra gente. Aliás, dizem que vivemos para aquilo que faz sentido fazer. Então, por que fazer CAAL hoje em dia?

Em termos de adequação ao seu tempo, parece que se dedicar à construção de um Centro Acadêmico não faz muito sentido em 2012. Para ter uma vida feliz e confortável, precisamos nos focar o máximo possível em compor um belo currículo, fazer os melhores contatos, conviver sem grandes conflitos com aquilo ou aqueles que nos incomodam, aceitar as contradições do nosso próprio meio e nunca participar de polêmicas, especialmente do lado que está defendendo os mais desfavorecidos.

Também é importante passar na prova de residência, conseguir um bom emprego, fazer um bom casamento (preferencialmente, heterossexual), dedicar-se bastante no início da carreira para despontar como talento, não descuidar daí em diante para não cair do topo, se aposentar tranquilamente e então ter tempo para realizar seus sonhos e aqueles projetos de mudar o mundo que foram se acumulando no fundo da gaveta.

Pois então, minha vivência no Centro Acadêmico inclui deixar minhas vontades e preocupações individuais para pensar no que nós precisamos, o coletivo precisa. Quais são as necessidades dos estudantes, o que um certo grupo está reivindicando, o que está acontecendo no cenário político da faculdade, que movimento social está atuando pelas causas humanas, como mudar o mundo, como transformar o meio em que vivemos.

Ser um membro da gestão me impele à protagonizar polêmicas, vivenciar conflitos, questionar minhas convicções pessoais e resignificar o tempo todo porque estou fazendo Medicina. É demandada uma habilidade de expressar minha opinião e comprar brigas na hora em que elas são necessárias e frutíferas, mas também saber a hora em que não vale a pena empreender tal energia. Driblar a hipocrisia e

arrogância simultaneamente é um exercício de tolerância que se aprende com os erros.

Isso é apenas uma opinião parcial de uma pessoa que busca se fazer cada dia mais inteira e não acredita na imparcialidade.

É no Centro Acadêmico que encontrei parceiros para construção de uma sociedade diferente. O que é esse 'diferente'? Encontrar respostas para esta pergunta é justamente o ponto. Muitas vezes concordamos, muitas vezes discordamos e neste

Os sonhos que certamente iriam para o fundo da gaveta ganharam vida ao invés de envelhecerem e se tornarem anacrônicos. O mundo se expande além dos muros da Universidade e com ele vêm todos os desafios, contradições e possibilidades de agir.

processo caminhamos e descobrimos juntos. Os sonhos que certamente iriam para o fundo da gaveta ganharam vida ao invés de envelhecerem e se tornarem anacrônicos. O mundo se expande além dos muros da Universidade e com ele vêm todos os desafios, contradições e possibilidades de agir. E o mundo, que se estivéssemos dormindo seria um moinho (e destruiria nossos sonhos tão mesquinhos), vira um grande movimento feito por mulheres e homens, com toda a potência de transformação que a humanidade possui.

Fazer parte dessa máquina, na qual uma

engrenagem é o Movimento Estudantil, me traz cada vez mais identificações com os trabalhadores, com os oprimidos e com os que lutam. Me identifico não porque me sinta a salvadora dessas pessoas ou por achar que elas precisam de um herói, mas porque ao compreender minha realidade, percebo que sou uma delas.

É nesse momento de identificação que o conflito entre individualismo e pensamento coletivo desaparece. Então, trabalhar para a construção de algo que vá além da minha carreira profissional faz muito sentido. Pois se considero o cenário atual injusto e opressor, me indigno realmente com desigualdade e pobreza, devo ultrapassar o vaidoso "curtir" causas no Facebook. Se quero ser crítica a respeito de meu meio, preciso superar os hábito de apenas dar "pitacos" e jogar minha opinião ao relento de uma mesa de bar e entender como o meio funciona ao atuar como um real vetor. Alguém sozinho com pensamento revolucionário é apenas um eterno incompreendido, rebelde e frustrado por definição. Um grupo de pessoas pensando e trabalhando juntas para revolucionar suas vidas é algo real e realizador.

Realidade é algo cada vez mais raro em meio à relacionamentos virtuais. Coletividade verdadeira é algo que só pode ser construída com outras pessoas. Parcerias como as que eu encontrei nas pessoas que o CAAL reúne em torno de si (gestões, ex-membros, amigos, famílias, militantes, apoiadores, simpatizantes, funcionários, professores) são os que alimentam os sonhos, pois sonhos não envelhecem, eles transformam.

Natália Albertini dos Reis - 48

Clube da Esquina II

Milton Nascimento

Porque se chamava moço
 Também se chamava estrada
 Viagem de ventania
 Nem se lembra se olhou pra trás
 Ao primeiro passo, asso, asso
 Asso, asso, asso, asso, asso
 Porque se chamavam homens
 Também se chamavam sonhos
 E sonhos não envelhecem
 Em meio a tantos gases lacrimogênicos
 Ficam calmos, calmos
 Calmos, calmos, calmos
 E lá se vai mais um dia
 E basta contar compasso
 E basta contar consigo
 Que a chama não tem pavio
 De tudo se faz canção
 E o coração na curva
 De um rio, rio, rio, rio, rio
 E lá se vai...
 E lá se vai...
 E o rio de asfalto e gente
 Entorna pelas ladeiras
 Entope o meio-fio
 Esquina mais de um milhão
 Quero ver então a gente, gente
 Gente, gente, gente, gente, gente.

CAAL INFORMA: ULTIMO PRAZO PRA VOCE SE INSCREVER! 2 SETEMBRO SHOWMED 12 SET showmed@caalunicamp.com.br

EXAME DO CREMESP

Por que ser contra o exame do CREMESP?

O Exame do Cremesp é um instrumento de avaliação externa da formação dos profissionais médicos recém-graduados. Dirigido aos formandos dos cursos de Medicina do Estado de São Paulo, será realizado anualmente e consistirá em teste cognitivo, abrangendo as áreas essenciais da Medicina. A prova será elaborada sob a responsabilidade do Cremesp, que poderá contratar docentes e instituições competentes para a sua execução.

A declaração de comparecimento e de participação e realização do Exame do Cremesp será exigida no momento do pedido de registro médico junto ao Cremesp. Será um documento essencial e obrigatório para o registro. A exigência tem amparo legal: "Os Conselhos Regionais de Medicina poderão exigir dos requerentes outros documentos que sejam julgados necessários para a complementação da inscrição". (Artigo 2º, parágrafo 3º, Decreto 44.045/58, que regulamentou a Lei 3.268/57, Lei dos Conselhos de Medicina).

Mesmo comparecendo e assinando a prova, o participante que não responder às questões não obterá o comprovante necessário e obrigatório para o registro no Cremesp.

A obtenção do registro profissional junto ao Cremesp não está condicionada ao resultado ou aprovação, mas unicamente à participação do recém-formado no Exame do Cremesp. O mau

desempenho ou eventual reprovação não serão peditivos para o registro, que é um direito legalmente estabelecido de todos os médicos portadores de diploma de graduação.

Por força de lei, o Cremesp não tem como instituir um Exame cuja aprovação esteja condicionada ao registro profissional, a exemplo do Exame de Ordem da OAB. O Cremesp apoia projeto de Lei que institui o "Exame Nacional de Proficiência em Medicina como requisito para o exercício legal da Medicina no país".

No último dia 24 de julho entrou em vigor nova resolução do Cremesp que institui a obrigatoriedade de exame para ingressantes na profissão. Não é competência direta do Cremesp a avaliação das escolas médicas, no entanto nos últimos 7 anos essa avaliação foi aplicada.

O principal argumento do conselho sempre foi o crescente número de denúncias a médicos e a abertura indiscriminada de escolas de medicina sem qualidade comprovada. Agora usam como argumento sua experiência na aplicação das provas e o fato de aproximadamente 50% dos candidatos ter sido reprovado nos últimos anos para definir a obrigatoriedade do exame.

Sabemos que a saúde no país passa por uma série de problemas e que esses problemas vão muito além da qualidade dos médicos for-

mados. Por isso não podemos aceitar esse tipo de ação do conselho regional. Seguem abaixo dez motivos para dizer não ao exame.

1 O exame como proposto abre espaço para a criação de um Exame de Ordem (para o qual já existe projeto de lei no Senado com apoio do Cremesp), que a exemplo do Direito cumpriria o papel de reserva de mercado, ou seja, os médicos em atuação conseguiriam restringir o número de novos médicos no mercado.

2 O exame pune o egresso. Apesar de se queixar do aumento de escolas médicas, o Cremesp não atua nessa direção. Ao fazer um exame de egressos não há mais a necessidade de se preocupar com a qualidade das faculdades. Teoricamente os maus profissionais não poderão atuar. No Direito isso estimulou ainda mais a abertura de cursos e com qualidade duvidosa.

3 O exame responde a queixa por saúde culpabilizando apenas o profissional. Será que é apenas o profissional médico responsável pelas mazelas da saúde do país? O problema da saúde não pode também estar relacionado a falta de estrutura, carga horária excessiva e condições inadequadas de trabalho?

4 A obrigatoriedade do Exame de Ordem criaria uma nova categoria profissional: o bacharel em medicina, que acabaria tendo seu trabalho explorado por menores salários, como acontece no direito.

5 Uma prova pontual ao fim do curso não é capaz de avaliar toda uma trajetória de estudos.

6 Uma prova essencialmente teórica não é capaz de avaliar uma profissão que deve ter atributos práticos e de relação.

7 A divulgação dos resultados das escolas torna possível o ranqueamento das faculdades. Instituições sem comprometimento com o ensino de qualidade podem se aproveitar do exame como modelo de propaganda e treinar seus estudantes especificamente para a prova sem investir no ensino.

8 Apesar de tentativas de negociação e de outras propostas de avaliação do ensino médico levantadas pelos estudantes e pela Associação Brasileira de Educação Médica, o Cremesp de maneira autoritária aprovou já para esse ano a prova obrigatória.

9 O exame não prevê a avaliação dos médicos em atuação. Estudos realizados no Brasil mostram que a maior parte dos médicos processados possuem mais de 10 anos de experiência, com idade média em torno dos 40 anos." Fonte: "ERRO MÉDICO NO BRASIL: ANÁLISE DE PROCESSOS ÉTICO-PROFISSIONAIS JULGADOS NO CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA NO PERÍODO DE 1988 A 1998"

10 Não compete ao Cremesp a avaliação das instituições de ensino no nosso país.



SAIU NA MÍDIA

Paliativo Médico

Folha de São Paulo, quinta-feira, 26 de julho de 2012. O declínio do ensino de medicina no Brasil não se resolverá com meias medidas. Nem, muito menos, com medidas erradas como a criação de 2.500 vagas anunciada em junho pelo governo federal, que já não consegue garantir a qualidade dos cursos existentes.

É só medianamente auspiciosa, dessa forma, a decisão do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) de tornar obrigatório seu exame para formandos a partir deste ano, conforme noticiou o jornal "O Estado de S. Paulo".

Essa prova, realizada desde 2005 de maneira opcional, obtém participação de apenas 15% dos estudantes de último ano. Mas já bastou para traçar um quadro pavoroso: quase a metade (46,7%) deles se forma sem conhecimentos suficientes para exercer a profissão.

A nova obrigatoriedade não influenciará de imediato, infelizmente, a qualificação dos novos médicos. Mesmo que tenham péssimas notas, poderão clinicar, pois só se exigirá deles, para obter o registro (CRM), que compareçam e preencham a folha de respostas para as 120 questões de múltipla escolha.

Pretende-se que a avaliação, encorpada por abranger a totalidade dos formandos paulistas, forneça um diagnóstico mais preciso sobre cada curso no Estado. Não sendo obrigatória, até aqui ela era boicotada por algumas das melhores escolas, como USP e Unicamp.

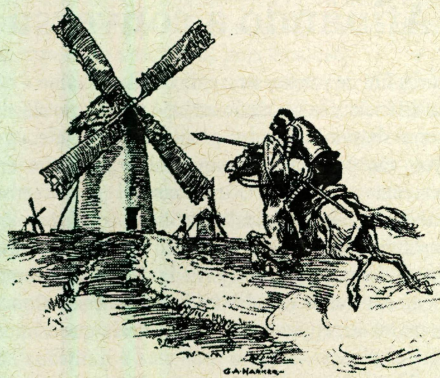
Tornar público o desempenho de cada faculdade decerto contribuirá para que se empenhem mais em melhorar o ensino. Mas tal processo é lento, sobretudo quando o governo federal se mostra relutante em punir os cursos com deficiências gritantes apontadas em outra prova, o Enade.

Diante da precariedade da formação de alguns médicos, e se os valores maiores a proteger aqui são a segurança e a saúde dos pacientes, o correto seria não só adotar uma prova obrigatória como condicionar a concessão do registro a um desempenho mínimo (melhor ainda se o exame incluísse provas práticas, a exemplo do que se exige atualmente para ingresso nos programas de residência médica). Tramita no Senado há oito anos o projeto de lei nº 217, que cria exatamente isso: o Exame Nacional de Proficiência em Medicina. Passou da hora de o Congresso aprová-lo.

Exame de Ordem e Recertificação

De acordo com Paulo Cesar Gerales, o CREMERJ (Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro) vem combatendo, nesses últimos 20 meses, a oficialização de exames de habilitação na área médica, a exemplo do da OAB, sob alegação de melhorar a qualificação do médico.

Ao invés de Exame de Ordem, nós pro-

Resposta de um estudante do sexto ano da Unicamp

Prezada Folha

Muito me angustia ver a questão da Educação Médica ser tratada de forma reducionista e maniqueísta como vejo reiteradas vezes pela mídia impressa e televisiva deste país. Tratada de forma paliativa, portanto, tendo no Exame do CREMESP a transfiguração da panacéia para a erradicação da má-formação de médicos no estado.

Como estudante do último ano do curso médico de uma universidade respeitada deste país venho me posicionar contra a última descoberta miraculosa das últimas semanas: uma prova pontual, reducionista e punitiva como ferramenta para a melhoria da Educação Médica deste estado brasileiro que se julga de vanguarda na esfera de discussões profundas e engajadas.

Como acadêmico do curso médico sou favorável à avaliações como parte integrante do processo ensino-aprendizagem. Não vejo em uma prova única que, historicamente, tem uma baixa adesão e recebeu boicotes constantes de instituições que observam a profundidade deste tema, como um sinalizador de que apostar em uma prova finalista e potencialmente ranqueadora não é uma opção que irá, além de um diagnóstico sugestivo, implementar práticas de melhoria substancial à Educação Médica e a assistência à população.

Discordo do exposto em "Paliativo Médico", no quesito que indica que se pode basear em dados referentes a apenas 15% dos egressos extrapolações exageradas a cerca dos déficits educacionais na área médica. Não nego a existência de deficiências, que são mais ou menos profundas em cada

instituição de ensino. Mas o que dizer dos médicos nos rincões deste país que não participam de processos de educação continuada e capacitação deste país?

Contudo não é numa prova deglutida às pressas, à surdina da participação discente, magicamente e unanimemente tida como ferramenta de caráter obrigatório que, ao meu ver, hipermétrepe talvez, se deva acreditar que se problematizará a questão. Vejo nesta obrigatoriedade uma vontade afoita e sedenta por dados em busca de extrapolações que balizarão num destino não tão afastado a imposição obrigatória de um exame de certificação obrigatório, e por conseguinte, de mais um filão do mercado - um novo método de ensino preparatório para exames específicos, vulgo os "aclamados cursinhos".

Concluo dizendo que a discussão sobre a Educação Médica deve sair dos muros universitários, mas de maneira crítica e menos sensacionalista. A opinião da população sobre o "médico que desejamos formar" é essencial. Mas este ambiente de debate não é encistado num solo repressivo, punitivo como de uma prova de múltipla escolha. Recuso-me a crer em avanços sérios na discussão de uma Educação Médica socialmente referenciada alicerçada na fragilidade de 4 ou 5 opções a serem assinaladas, pouco representativas de um montante de 6 anos mínimos de estudo, constituído por atividades essencialmente prático-teóricas em caráter integral!

Não vejo meias soluções para problemas complexos. Avaliações continuadas, provas práticas, entrevistas com usuários do SUS atendidos em hospitais escolas, avaliação entre pares, avaliações externas (desde que envolvidas em profundidade e com propósitos claros frente aos resultados obtidos) são bem-vindas à saúde da Educação Médica.

Pois, do contrário, não teremos um paliativo médico, mas o suicídio, "a doença da morte" des iniciativas que realmente dedicam à Educação (não só médica) um status de emancipação cidadã desses futuros profissionais. Do contrário, a posologia insossa e torpe do corporativismo falará mais alto.

Fabrizio Donizete da Costa (Bambu) - 45

Acadêmico do último ano do curso médico pela Universidade Estadual de Campinas

pusemos o fechamento das escolas médicas de má qualidade; o incremento da residência médica para aproveitamento de todos os recém-formados; educação continuada permanente e acessível para os médicos; salários compatíveis com a responsabilidade e a importância dos atos médicos e condições dignas de trabalho.

Quanto à recertificação do título de especialista, pretendida pelo CFM, Gerales diz que CREMERJ tem se posicionando, defendendo que os residentes, que são especialistas por lei, não precisam se submeter à

recertificação.

Por sua vez, o registro de médico do trabalho deve ser facultado aos médicos que tenham feito curso de especialização com carga horária de 300 horas. Apenas os registros concedidos, através da AMB e das sociedades especialidades, após data pré-estabelecida, poderiam ser revalidados - acrescenta.

Publicado no Jornal do CREMERJ em agosto de 2012.

EXAME DO CREMESP

O que podemos fazer a respeito?

Com a participação de cerca de 100 estudantes, inclusive da PUC-Campinas, foi realizada no último dia 23 de agosto, no anfiteatro 1 da FCM, uma Mesa para debater o Exame do CREMESP (Conselho Regional de Medicina de São Paulo). Nesse ano pela primeira vez a avaliação será obrigatória, mas por questões legais o CREMESP não pode exigir dos egressos uma nota mínima para aprovação, já que isso constituiria um exame de ordem. A legitimação da exigência da participação na prova para obtenção do CRM em São Paulo se dá devido a uma brecha na lei de regulação dos conselhos regionais de medicina, que prevê a exigência de "outros documentos quaisquer" para inscrição no CRM. Entretanto, o CREMESP assume o apoio a projetos de leis federais para a implementação da prova como seleção dos candidatos aptos a exercerem a medicina, ou seja, que alcancem determinada nota pré-estabelecida, o que caracterizaria um exame de ordem em moldes quase idênticos ao da OAB.

Foram convidados para a mesa: o estudante da quadragésima sexta turma, Marcelo Lopes, a professora da Pediatria, Angelica Mariã Bicudo Zeferino, o representante do CREMESP, Reinaldo Ayer e o estudante de medicina da Unifesp e representante da

DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina), Klaus Nunes Fischer.

O espaço começou com apresentações sobre os tipos de avaliações médicas existentes assim como suas limitações, e após o coffee-break prosseguiu com as falas de Reinado e Klaus e uma acalorada rodada de perguntas. Muitas questões importantes foram abordadas como o destino dos egressos que não conseguem nota suficiente no exame; de que forma a prova pode interferir na melhora dos cursos de medicina e barrar a abertura indiscriminada de escolas médicas; qual a real eficácia da avaliação em barrar médicos mal formados.

Constitui passo importante na construção do posicionamento dos estudantes debatermos entre nós essa questão e analisar com cuidado a proposta dada e seu real impacto social, já que a população é a maior beneficiada de médicos bem formados e bem avaliados. A baixa adesão e os boicotes de instituições importantes nos últimos anos já são sinais de que uma prova essencialmente teórica e muito provavelmente ranqueadora não conseguirá interferir na melhora da Educação Médica. As chances são grandes de haver apenas mais um cursinho preparatório em nossas vidas cujo compromisso único é ensinar a fazer prova.

Afinando a conversa

A fim de manter as condições de trabalho e de assistência à saúde como estão, é necessário eger como determinante dos problemas de saúde algo que não coloque em xeque tal organização do sistema de saúde. O responsável pelos erros médicos não são a falta de boas condições de trabalho, a falta de formação continuada dos profissionais, a extensa jornada de trabalho como demonstram os estudos (vide referências). Como estamos acostumados a ouvir, desde que somos ainda crianças, é que o problema é individual, o problema é de cada um. A culpa do estudante que vai mal na escola é dele que não estudou o



suficiente. Não há interferência dos professores que não têm estímulo para dar uma boa aula; da escola que não tem biblioteca decente; do conteúdo que não faz o menor sentido para os alunos; das condições de acesso diferenciado dos alunos.

Neste contexto, inserem-se os conselhos regulamentadores, que reproduzem a lógica de culpabilização dos indivíduos. Regulamentam a profissão, exigindo dos trabalhadores que tenham posturas determinadas, sem levar em consideração as condições reais a que estes trabalhadores estão submetidos. Somos ensinados, por exemplo, a ser simpáticos, fechar a porta para fazer os atendimentos. Mas como atuar desta maneira sendo cobrados por produtividade, para diminuir o tempo de espera dos atendimentos, em locais em que as portas mal fecham? Ou como prestar assistência adequada se não temos nem medicamentos adequados onde trabalhamos ou se o paciente não terá acesso a eles? E se questionamos as condições do local de trabalho, o Código de Ética Médica nos diz:

"É direito do médico recusar-se a exercer sua profissão em instituição pública ou privada onde as condições de trabalho não sejam dignas ou possam

prejudicar a própria saúde ou a do paciente, bem como a dos demais profissionais. Nesse caso, comunicará imediatamente sua decisão à Comissão de Ética e ao Conselho Regional de Medicina."

– Alô, Cremesp? Vem dar uma olhadá nos ambulatórios, enfermarias e

UBS's de estágio da minha faculdade!

Segundo Elson Moura¹⁴, regulamentar uma profissão é criar um conjunto de normas, sustentadas em uma lei, que determinam as características que identificam uma profissão, suas funções e atribuições, bem como o que as diferencia das demais. Cumpre também o papel de reservar mercado para os profissionais devidamente registrados. Encobrem, assim, a crescente desregulamentação do trabalho expressa em sua

intensa precarização. Códigos de ética, inscrição obrigatória e anual para atuação, fiscalização com caráter punitivo do exercício da profissão, entre outras, são as formas aparentes de um conselho que se propõe a regulamentar uma profissão e não o trabalho. Exame de certificação é apenas mais uma expressão disso, com todas as limitações já expostas na Cartilha da DENEM sobre o assunto.

Entendemos a luta pela regulamentação do trabalho, pela retomada das conquistas retiradas da classe trabalhadora, por novas conquistas, pelo direito ao trabalho,

pelo direito ao acesso aos produtos finais da produção como algo fundamental e que vai além das categorias profissionais. Essas conquistas só podem ser consolidadas, no entanto, em um momento e que a sociedade se organize de uma outra forma para produzir sua própria existência. Uma organização social em que o trabalho seja emancipador, e não meio de vida; em que não seja possível a exploração do homem pelo homem.

Texto composto pela Gestão Outras Frequências e pelo Coletivo Outros Outubros Virão

Referências

1. Erros médicos em pacientes hospitalizados – Manoel de Carvalho, Alan A. Vieira. *Jornal de Pediatria*, 2002.
2. Análise do erro médico em processos ético-profissionais: Implicações na educação médica – Almir Galvão Vieira Bitencourt. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2007.
3. Erro médico no Brasil: Análise de processos ético-profissionais julgados no conselho federal de medicina no período de 1988 a 1998 – Deila

INTERNATO

O que conquistamos quando nos movimentamos?

Durante o mês de Maio, após reunião da Comissão de Ensino e Graduação (CEG), nossa turma recebeu, por intermédio do nosso representante discente, a notícia de que os integrantes de cada grupo de internato do quinto ano não seriam escolhidos pelos próprios estudantes, mas sim definido por sorteio. Começaram então as discussões na sala, sobre a forma com a qual essa decisão foi tomada, argumentação da CEG para tal deliberação, e o porquê de quisermos nos dividir da forma que achássemos melhor, o qual resumimos numa primeira carta enviada a CEG.

Na carta falamos sobre a forma como a decisão foi tomada, em uma reunião da CEG, um espaço que não se caracteriza como democrático para os estudantes devido a falta de paridade entre docentes e discentes; além disso, não houve divulgação prévia do conteúdo da pauta que possibilitasse a discussão na turma.

Os argumentos apresentados na reunião não mostraram a vantagem do sorteio dos grupos em detrimento da livre escolha destes, além de não enxergarmos nessa forma de escolha uma solução para os problemas presentes na atual forma de divisão. Entre os argumentos apresentados estão o intenso número de reclamações vindos da turma com a divisão dos grupos do quarto ano, o acobertamento de faltas nos estágios entre os estudantes, o fato de nos relacionar com pessoas com as quais não temos proximidade reproduzir nossa atuação profissional futura. Porém ao discordar da argumentação que embasou tal deliberação, refletimos sobre alguns pontos, entre eles os benefícios de ter um grupo de internato composto por pessoas com boas experiências prévias durante a graduação, devido a carga horária e necessidade de estudos extenuante que

sabemos ser exigida nesse período e a necessidade de transporte para alguns estágios externos ao campus não ser suprida pela faculdade.

A nosso pedido, os professores Dr. Maurício, coordenador do internato médico, e Dr. Li Li Min, coordenador associado do curso, compareceram na nossa sala para uma conversa sobre a carta elaborada pela turma. Entre outras coisas, foi pontuada a necessidade de um abaixo-assinado de toda a turma para dar força ao nosso pedido no caso de uma segunda reunião da CEG tendo como pauta os grupos de internato.

Encaminhamos a divisão dos grupos feita por nós juntamente com o abaixo-assinado de 93% da turma para a CEG.

Numa tentativa de envolver toda a faculdade, organizamos por intermédio do nosso Centro Acadêmico, o CAAL, uma reunião extraordinária para discutirmos esse assunto. Durante a conversa, que envolveu estudantes de todos os anos, pontuamos o que julgamos ser os reais problemas do internato que afetam o desempenho dos estudantes e implicam nas adversidades enfrentadas durante esse período, como a pressão; horas excessivas de trabalho aliado a falta de estrutura para estudo, alimentação e transporte; falta de flexibilização das atividades; ausência de folga pós-plantão; perda de bolsa-internato ao longo dos anos; a necessidade de um seminário sobre o internato para esclarecer como funciona e seus objetivos.

Achamos muito importante a participação de todos no processo, por isso levamos novamente essa discussão para as turmas. Os acontecimentos foram interrompidos pelas férias, mas voltaram com força total no princípio de Agosto com uma nova reunião de todas as turmas da faculdade, e a redação de uma nova carta pela XLVII turma a

CEG e professores integrantes da comissão. Nessa nova carta, ressaltamos a importância do documento, mesmo não contando com a assinatura de todos os integrantes da turma, e entregamos aos professores juntamente com a primeira carta.

No dia da reunião da CEG realizada aos 14/08, fomos massivamente a sala de reunião, juntamente com os representantes discentes, demonstrando a união de toda a turma em uma manifestação a favor da livre escolha dos grupos sem deixar de pontuar melhorias das condições de ensino e estágio.

Com toda essa movimentação conseguimos uma resposta favorável da CEG. Desse movimento apreendemos boas lições. A primeira é de que um representante da turma, somente nos representando em um órgão deliberativo da faculdade pouco pode fazer para garantir que os interesses dos estudantes sejam efetivados. A nossa força está quando nos unimos por um objetivo. E aí reside a possibilidade de sairmos vitoriosos.

Acreditamos que essa foi a vitória sobre uma questão importante para nós, mas sabemos que existem sérios problemas na nossa graduação que precisam também da nossa atenção, por isso escrevo esse texto com o objetivo de motivar a luta de todos os estudantes dentro da nossa faculdade. Temos algumas movimentações incipientes relativas ao internato e ao ensino básico acontecendo em nossa escola com reuniões frequentes, por isso não deixe de se envolver e tomar conhecimento da importância do seu envolvimento enquanto estudante. Temos força para alcançar as mudanças!

Lécia Sathler - 47

Qualidade de vida, Assistência Estudantil e Internato

Chegando ao fim do sexto ano, ao olhar para meus dois anos de internato, consigo dimensionar a intensidade desse período na formação. São muitas horas de prática em serviço, uma carga teórica extensa e um investimento muito grande na formação (ou deformação) de personalidades. Um percurso tão atribulado não seria percorrido sem deixar suas marcas. Nesse texto quero discutir um pouco essas marcas, e o que temos, ou não temos feito a respeito delas.

É inegável o fato de que uma das grandes marcas do internato é seu impacto na qualidade de vida dos estudantes. Diversos estudos já apontaram os efeitos da graduação de medicina na qualidade de vida. Um dos fatores que pode ser avaliado é a privação do sono. Tempski¹, em uma pesquisa no Paraná, observou que 49,1% dos estudantes apresentam sonolência diurna e 11% apresentam alto nível de sonolência diurna. Para isso contribuem a carga horária curricular extensa, os plantões e a carga de estudo extra necessária.

Em um questionário respondido recentemente por estudantes do sexto ano da Unicamp, 66% afirmou se sentir cansado ou muito cansado após um dia de plantão. Quando questionados a respeito do seu nível de aproveitamento no estágio um dia após o plantão, 68% afirmou apresentar um pior aproveitamento.

Modificar essa realidade passa por ajustes curriculares que permitam ao estudante tempo de estudo, tempo de descanso e tempo de lazer, cultura e organização política também. Não dá para falar a respeito de qualidade de vida sem pensar nessa direção.

Outro ponto que deve ser levado em conta é a assistência estudantil. Essa sempre foi uma luta dos estudantes nas universidades e que não deve ser deixada de lado no internato. Durante um período tão intenso, é ainda mais necessário o apoio estrutural e até financeiro da universidade para que o estudante consiga desenvolver plenamente suas atividades acadêmicas.

Se nos primeiros anos o aluno con-

segue se sustentar financeiramente com o auxílio de uma bolsa trabalho, o que fará no internato, quando já não dispõe de tempo suficiente para tanto? Se nos primeiros anos tem maior tempo livre para utilizar a biblioteca nos horários de almoço, ou fins de tarde, o que fará no internato, quando em alguns estágios tem pouco menos de 1 hora para almoçar?

Diante dessa situação, pensar em uma bolsa internato (e essa já foi realidade em nossa faculdade), ou na construção de uma sala de estudos com acesso a internet no HC, significa pensar em uma assistência estudantil efetiva e certamente contribuir para assegurar a qualidade de vida do estudante.

1- Fiedler-Tempski P, Perotta B. Eu quero dormir! Sonolência Diurna do Estudante de Medicina. Cadernos da ABEM. 2010; 6:27-30

Josué Augusto do Amaral Rocha - 45

ACONTECEU

A Semana de Calourada

Do dia 27/02 ao dia 05/03 foi realizada a Semana da Calourada, da qual eu, caloura, participei. Essa iniciativa, além de muito bem planejada, contribuiu para que os calouros, recém-chegados, perdidos, apreensivos e ansiosos, pudessem conhecer boa parte da Unicamp e apaixonar-se por ela.

Na segunda-feira, desde a confirmação de matrícula, o acolhimento exercido pelos veteranos foi excepcional. Sempre muito solícitos, explicaram-nos tudo sobre a faculdade, o curso, os congressos, os hinos, as manifestações, os esportes, as aulas e tantos outros assuntos. E é claro, sobre as festas também.

Durante a semana, interagimos com alunos de outros cursos - como Enfermagem e Fonoaudiologia -, conhecemos o pessoal da nossa própria turma e de todos os outros anos da Medicina e fizemos diversos amigos. Além disso, nas palestras com professores e funcionários, foram abordadas diversas questões, desde dengue e dieta saudável à aplicação correta de uma injeção intravenosa. Foram realizados, também, vários debates, nos quais pudemos aprender mais sobre os profissionais da área da saúde e compartilhar nossas idéias, dúvidas e expectativas.

Porém, a aprendizagem não se restringiu ao ambiente universitário: realizamos atividades em outras partes de Campinas e até em Hortolândia - quando acompanhamos o dia a dia de um paciente diabético a fim de proporcionar-lhe o tratamento mais adequado. Já no Trote da Cidadania, pudemos passar um dia nos dedicando ao nosso lado cidadão e solidário, seja plantando árvores ou participando da recreação de crianças carentes.

Todas essas atividades, tanto instrutivas como dinâmicas e divertidas, foram um primeiro passo para a criação de um grande laço de envolvimento com a Unicamp, uma universidade sobre a qual cada dia descobrimos mais um pouco e da qual sempre nos orgulharemos de fazer parte.

Gostaria de dar um agradecimento especial a todo o pessoal do segundo ano, que desde as férias programaram a Semana da Calourada com tanto



carinho, e da qual participaram com tanto empenho, nem que para isso tivessem que sacrificar suas aulas.

Nós, calouros, inclusive pudemos ver, através do CAAL e AAAAL, o esforço que é feito para conseguir verbas para olimpíadas e competições, a dedicação a assuntos de importância curricular como o movimento da educação e a disposição para realizar várias confraternizações (happy hours, chopadas...) - com caronas garantidas.

Por fim, um agradecimento ao meu padrinho Coto (André Citroni Palma) em nome de todos os padrinhos e madrinhas da XLIX, que acolhem e ajudam seus afilhados da melhor maneira possível.

Amanda A. C. Furlan - 50

Calourada sob a ótica do calouro

Para muitos foi a primeira semana morando só, numa nova cidade, num novo ambiente e com expectativas e ansiedades diferentes. Não é fácil deixar de ver pessoas queridas com a mesma frequência com que as via. No início o medo e o

receio de não encontrar pessoas que tenham pensamentos e valores semelhantes é comum. Mas então tem a "Semana da Calourada", você recebe um livro com dicas sobre a cidade e a universidade feita por futuros colegas, você começa a perceber a dedicação que tiveram para elaborar a semana... não tem como não se animar!

Não é possível esquecer a cena do apadrinhamento, aquela vontade dos futuros colegas de profissão em querer te conhecer! Todo um empenho feito para "acolher" o calouro, muito útil, pois além de ter recebido vários resumos, a própria forma como o apadrinhamento foi feito através de um questionário possibilitou encontrar uma "madrinha" que fosse parecida comigo!

As festas e confraternizações foram bem interessantes também, todas ao seu modo, o Happy Hour do primeiro dia foi uma excelente experiência para conseguir conversar um pouco mais tanto com os próprios futuros colegas de classe como com os mais velhos. Uma experiência válida, pois permitiu um entrosamento inicial numa situação em que mesmo os mais desinibidos encontravam-se engessados. A Choppada foi um evento interessante também, houve uma abordagem para que todos interagissem com bastantes pessoas, mesmo que pelo breve período de um copo... O Churrasco foi bem semelhante à Choppada mas com comida boa para ajudar no frio.

A "Vivência" também não poderia deixar de ser mencionada, não acredito que alguém vá esquecer o "Toninho" que só faltou apanhar do "médico" que atuava como o carrasco da situação. E ao fim, poucos não se impressionaram com as vendas e com os dizeres de que "só não vê quem não quer ver". Levo comigo uma impressão da Semana da Calourada assim como a que tive da arte do fotógrafo Robert ParkeHarrison: Foi uma experiência para confirmar que o caminho estava livre e que a partir de então era uma decisão sua soltar os seus pássaros.

Maurício V. Ferreira - 50



ACONTECEU

Encontros do movimento estudantil



EREM

Nos dias 7 a 10 de junho de 2012, aconteceu o XXIII EREM (Encontro Regional de Estudantes de Medicina), na Unifesp. Mesmo em greve e sem poder usar o bandeirão, nossos anfitriões nos receberam brilhantemente. Mais de 300 alunos de escolas de medicina de São Paulo e Paraná participaram das oficinas, mesas e painéis do evento. O tema do Encontro foi "A Universidade que Queremos". E se focou na inserção das atribuições da Universidade na estrutura de sociedade.

Entre outros pontos, foi positiva a discussão a respeito das Reformas Curriculares. Além disso, como as próprias escolas de Medicina pagas atestaram, foi mais efetiva a inserção das faculdades particulares no debate político nesse EREM.

ECEM

O ECEM - Encontro Científico dos Estudantes de Medicina - deste ano aconteceu na UERJ, no Rio de Janeiro, durante o mês de Julho e contou com grande participação de estudantes do Brasil inteiro. Como grande parte dos estudantes eram de universidades federais, inevitavelmente, o tema da greve permeou todos os espaços. O Ato que aconteceu no meio do encontro teve como tema "Saúde e Educação: destes direitos eu não abro" mão e percorreu as ruas do centro do Rio de Janeiro até a Cinelândia.



Programe-se!

CoMAU

O XXI COMAU (Congresso Médico Acadêmico da Unicamp) ocorrerá nos dias 5, 6 e 7 de novembro. Haverá também um Pós-Comau no dia 10 de novembro.

Fique atento aos preços da programação e inscreva seu trabalho pelo site: xxicomau.herobo.com

Prazo de inscrição de trabalhos prorrogado até o dia 10/09.

COBREM

O COBREM - Congresso Brasileiro dos Estudantes de Medicina - é a segunda maior instância deliberativa da Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM) e inicia cada ano de movimento em uma construção coletiva, com a participação de estudantes de todas as escolas médicas do Brasil. Também é nesse encontro onde ocorre a eleição de maior parte da Coordenação Nacional da DENEM. O encontro ocorrerá em Janeiro em Ouro Preto - MG, na UFOP

COBEM

Do dia 11 ao dia 14 de Outubro, acontecerá o 50º Congresso Brasileiro de Educação Médica, o COBEM, na FMUSP em São Paulo - SP. O COBEM é um congresso organizado pela ABEM (Associação Brasileira de Educação Médica) e o tema central será "De que médico a Sociedade Precisa?". O COBEM também tem um espaço para apresentação de trabalhos científicos pelos estudantes.

Mais informações no site www.cobem2012.com.br

Quem estiver interessado em participar do COBEM, faça a inscrição no site e guarde o comprovante. Mande um e-mail para caal2012@gmail.com o mais rapidamente possível avisando que você tem interesse em participar do Congresso. Será disponibilizado um ônibus saindo da FCM e financiamento. Quem quer participar e está esperando para ver se terá financiamento, mande um e-mail demonstrando interesse.

Seminário do CENEPES

O Seminário do CENEPES (Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Saúde) ocorrerá entre os dias 1 e 4 de Novembro (Feriado de finados) na FAMERP - Faculdade de Medicina de Rio Preto. O CENEPES (Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Saúde) é o órgão da DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina) responsável por garantir as discussões e construir campanhas que a executiva definir interessantes.

O tema geral do encontro será: "O Papel Social da Escola Médica" e seus espaços discutirão como que o currículo de medicina é determinado pelas necessidades da nossa sociedade. Também haverá oficinas sobre Saúde Mental e Serviço Civil e Painéis sobre Exame de Ordem e Gênero.

Quem estiver interessado em participar, mande um e-mail para caal2012@gmail.com demonstrando interesse. Fique ligados para quando abrirem as inscrições. Teremos financiamento e ônibus até Rio Preto.

EDUCAÇÃO

A greve das Universidades Federais do Brasil

No dia 17 de maio de 2012 inicia aquele que talvez seja o mais importante acontecimento dos últimos anos com relação ao ensino superior no Brasil: a greve dos professores das universidades federais brasileiras. Surge com duas pautas principais: luta pela reestruturação da carreira docente e pela valorização e melhoria das condições de trabalho docente. Segue-se a esse processo a paralisação dos estudantes dessas universidades e a dos servidores técnico-administrativos dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (CEFTs).

Os dados até o momento em que esse texto foi finalizado nos permite ter um panorama geral desse movimento, considerado como a maior greve no ensino público federal nas últimas décadas: são 59 Universidades Federais paralisadas (dentre docentes, estudantes e técnicos), 36 Institutos Federais (dos 38 existentes). Esses números somam, aproximadamente, 150.000 professores e cerca de 2.000.000 de estudantes paralisados. Durante esses dois meses de greve, o governo federal lançou apenas 01 proposta de negociação, que vem sendo sistematicamente negada pelos movimentos de greve por todo o Brasil, por entenderem que tal proposta não contempla as reivindicações e não trazem mudanças no panorama em que se encontra o ensino superior no brasileiro.

A educação no Brasil tem sofrido sistematicamente, nas últimas décadas, uma intensificação dos efeitos da precarização e sucateamento das universidades, decorrentes das chamadas políticas neoliberais implantadas no país nas últimas décadas. Essas políticas privilegiam e estimulam a adequação da educação e do ensino superior às demandas do mercado, chocando-se com inúmeras demandas básicas para os trabalhadores e estudantes dessas universidades.

No Brasil, a Universidade surgiu de forma tardia durante a primeira metade do século XX e atendia aos interesses dos diversos segmentos das classes dominantes (somente tinha acesso à universidade os filhos desta classe); sua função principal era suprir a demanda por formação dos gestores na direção política do estado que se formava.

A educação pública e gratuita enquanto um "direito universal e dever do estado" aparece apenas na constituição de 1988, período de redemocratização do país, após a ditadura civil-militar, justamente após um pressionamento das lutas populares que viviam uma conjuntura de maior efervescência naquela época.

Os governos que se sucederam após a ditadura deram continuidade a uma política de incentivo ao fortalecimento do ensino privado (ocorreu um "boom" de escolas privadas), a ponto de formar uma verdadeira burguesia nacional na área da educação, associada a grandes multinacionais. Com relação à universidade pública, o sucateamento desta e a maneira como os governos lidam com esse setor revela um movimento de contra-reforma do Estado que se implantou em nosso país, que opta pela lógica do mercado, das parcerias público-privadas e da desresponsabilização do estado com relação às políticas públicas.

O governo do PSDB (na década de 1990) aprofundou o desmonte da escola pública a partir de sua política de (contra) reforma do ensino superior. Uma grande movimentação ocorreu nesse período no Brasil, consolidando um movimento contra a reforma universitária que também envolveu docentes, técnicos e estudantes. O governo do PT (nos anos 2000) também tem incentivado o ensino voltado à lógica do mercado tanto no ensino público, com a política de Reforma

Universitária (REUNI), quanto no ensino privado mediante diversos programas, como o Programa Universidade para Todos (Prouni), caracterizado pelo investimento de recursos públicos no ensino particular, muitas vezes salvando os grupos privados da falência.

Com relação ao setor público, podemos afirmar que não há uma crise da Universidade Pública, mas sim, a intenção de adaptá-la, para que sirva aos interesses da lógica do mercado. Nos últimos anos, em resposta às demandas do sistema produtivo brasileiro por mais quadros técnicos e tecnologias e, em certa medida, em resposta à demanda social por mais qualificação e profissionais diversos, o Estado tem realizado investimentos para a expansão do acesso ao sistema universitário público.

Esta expansão tem sido balizada pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que, apesar de oferecer ampliação de vagas para estudantes, não se preocupa em garantir infraestrutura adequada do Ensino Superior nas Instituições Federais de Ensino Superior.

Não houve aumento proporcional de docentes e técnicos em relação ao número de estudantes. Além disso, houve a criação de cursos noturnos de curta duração e totalmente precarizados. Ocorreu a abertura de novos campi, sendo muitos deles com estrutura lastimável. É importante pontuar que tal projeto de reforma do ensino superior foi elaborado sem a participação das instituições e dos movimentos representativos dos professores, servidores técnico-administrativos e estudantes, marcando a falta de democracia nessa construção.

O REUNI trouxe consigo uma expansão sem nenhum tipo de preocupação com a qualidade do ensino; um aumento no número de vagas atrelado à maior exploração do trabalho do docente e do técnico-administrativo. Para os estudantes, materializou-se no ingresso em cursos voltados às necessidades do capital, realizados em novos campi sem a mínima estrutura de salas de aulas, laboratórios, biblioteca, restaurante universitário, moradia estudantil etc. Como exemplo, em alguns campi da UNIFESP que surgiram após a implementação desse programa, as salas de aula são contêineres adaptados; em outros locais, quando existe restaurante universitário, este é montado embaixo de tendas e barracas para servir as refeições.

A pesquisa destina-se cada dia mais às demandas de grandes grupos empresariais, a exemplo das indústrias farmacêuticas e do petróleo, enquanto a extensão universitária veste-se do papel do assistencialismo ou do empreendedorismo. Todas as universidades vêm sofrendo um amplo processo de precarização pelos sucessivos cortes que o Governo Dilma anuncia no orçamento da educação, caminhando em conjunto com diversas medidas privatizantes no interior das instituições.

É nesse contexto que a greve acontece nas universidades federais. A intensa precarização dos espaços da universidade e a falta de propostas concretas para a melhoria desses problemas mobilizou docentes, técnicos e estudantes.

Os estudantes têm exercido um importante papel nesse processo de paralisação. Além do apoio às pautas reivindicatórias dos docentes e técnicos, acrescentam suas próprias reivindicações, que apesar de conter especificidades do local em que se encontram, têm alguns eixos que são comuns: políticas de permanência

estudantil com garantia de moradia para os estudantes, restaurante universitário, transporte universitário; infraestrutura adequada das faculdades, com laboratórios equipados, salas de aula suficientes, aumento no número de docentes e técnicos administrativos; aumento do financiamento da educação superior (10% do PIB para a educação pública já!); luta por uma universidade pública, gratuita, de qualidade e que atenda as demandas da classe trabalhadora.

E a UNICAMP, onde entra nisso?

A nossa Universidade, mesmo não sendo uma instituição federal e nem ter sofrido os ataques do REUNI, sofre de uma política bastante semelhante a essa, sendo que algumas de suas consequências mais notáveis são:

- precarização do ensino: falta de laboratórios equipados em diversos institutos; falta de condições para os estudantes exercerem suas disciplinas (apesar de estar em construção, ainda não existe um teatro na UNICAMP para os estudantes do curso de Artes Cênicas, por exemplo); falta de docentes e substituição dos mesmos por pós-graduandos em formação, etc;

- precarização das relações de trabalho: a maioria dos contratos dos servidores da UNICAMP é terceirizada, contratada via CLT e não têm garantia das leis trabalhistas garantidas a um funcionário público, etc;

- maior precarização do campus de Limeira, inaugurado em 2009, em relação à infraestrutura, biblioteca, falta de moradia estudantil, falta de docentes etc;

- criminalização do movimento estudantil: expresso, dentre tantos outros exemplos, com as suspensões acadêmicas sofridas pelos estudantes envolvidos na ocupação da moradia em 2011, por uma luta pela permanência estudantil etc;

Na área da saúde, e na faculdade de medicina, alguns processos também apontam para um processo de precarização de nosso ensino, entre eles, a autarquização do hospital das clínicas, que retira a responsabilidade de sua gestão pela universidade passando-a ao governo do estado de São Paulo, possibilitando a abertura de uma dupla-porta no mesmo (atendimento da saúde privada coexistindo com os da saúde pública) e resultando na perda de campos de estágio para os estudantes.

Além disso, desde o final do ano passado e, com maior força nesse ano, estão ocorrendo movimentações dentro do ciclo básico por mudanças em nosso ensino, sendo de extrema importância também conseguirmos envolver o ciclo do internato nesse processo de discussão

Não podemos ficar esperando a situação piorar ainda mais. A pauta das condições de ensino deve ser discutida em nossa universidade, para que possamos entender o movimento que vem ocorrendo e analisarmos as possibilidades de luta e reivindicações. Devemos nos mobilizar pela garantia de um ensino de qualidade, com infraestrutura adequada, permanência estudantil e democratização do acesso à universidade.

A luta pela melhoria das condições de ensino também depende de nós!

Todo apoio à Greve Nacional dos Professores do Ensino Público Federal!

Todo apoio às greves estudantis e dos técnicos administrativos nas universidades!

Em defesa da Universidade Pública!

Marcelo Gustavo Lopes - 46

ACONTECEU

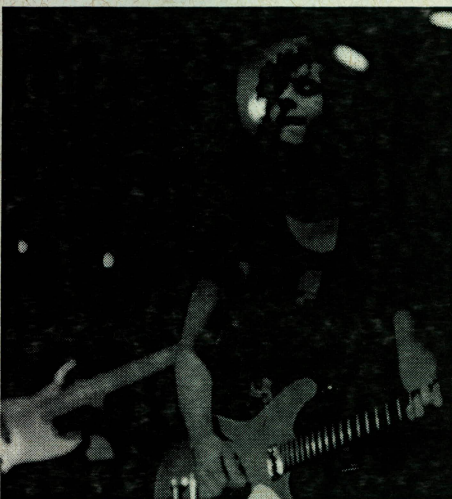
Noite Cultural

O Centro Acadêmico Adolfo Lutz realizou em maio 2012 a VI NOITE CULTURAL.

Como de costume, o evento foi de graça e aconteceu na Casa do Lago, na Unicamp.

As atrações foram diversas: dança, teatro, oficinas de malabares, slackline, exibição de curta-metragens, banda de rock, grupo de forró, Legião Urbana cover e Strokes cover.

O evento foi um sucesso, pessoas de todos os cursos da nossa Universidade compareceram. Os alunos da Medicina trabalharam muito e curtiram a noite também.



A importância do CAAL em promover cultura de qualidade e gratuita no Campus ficou evidente nas respostas dadas a uma pergunta em papel Kraft gigante:

Quanto Vale esta Noite?

Respostas Notáveis (da maneira que foram escritas no Kraft pelo público):

“Vale saber que na Medicina também tem gente legal! Valeu CAAL, por me representar!”

“A Med Tb é legal.”

“Vale um abraço do Fósforo” (ruivão lenda da FEF)

“Vale um Pokemón.”

“Vale a Resistência”

“Vale devolver o repasse pro CAAL!”

“Vale a criação de melhores amigos.”

“Vale cobrar um IFCHstock!” (ex-melhor festa da Unicamp que foi proibida e nós novinhos não vimos acontecer)

“Um lugar ao vivo e real.”

“O valor está além da matéria.”

“Vale todos os sonhos que o já CAAL despertou em nós.”

Gestão Outras Frequências



MEDICINA

Das mudanças da vida acadêmica

É impressionante como mudamos no decorrer da graduação. Quando calouros, todos nos falamos, mas eu, particularmente, não acreditei muito. Os anos básicos passam-se como se fossem aprofundamentos dos conhecimentos do ensino médio. Horas de aulas teóricas, e o único contato com seres humanos se dá com aqueles que já morreram. De repente chegam “os anos clínicos” – o 3º ano médico – comparável apenas com ano de Olimpíadas no Brasil em emoção e expectativa, e começamos a conversar com pacientes, ficando impressionados com cada história que ouvimos, com cada patologia que vemos. Achamos que sempre nos impressionaremos da mesma forma, mas com o decorrer das entrevistas, deixamos-nos afetar menos, não por brutalidade, ou indiferença, mas penso que pela conformação de que todos sofrem, e talvez por certa negação de que também teremos nossas enfermidades e histórias tristes para contar.

Uma observação digressiva é o visual dos alunos. Nos primeiros anos, os meninos vão para a faculdade de moletom, shorts, regata, chinelo, magrelo-vareta, descabelados, cara amassada; depois, gel no cabelo, camisa social, marombados, às vezes até arriscam um sapato social. As meninas vão de rabo de cavalo, tênis, shortinho, camisetas, descabeladas, cara amassada; depois, lacinho no cabelo, sapatilhas, camisas, maquiagem, bolsas e até salto alto.

É mesmo interessante o portar de um aluno que começa a fazer anamneses, todo cheio de cuidados,

sempre achando que está atrapalhando seu paciente, causando-lhe dor a cada toque. Sendo o mais sério possível, rindo pouco, tenta se adequar à formatação imaginada para o porte dum médico. Apenas a partir da “décima” entrevista é que começamos a tornar a conversa com o paciente algo agradável. Não sabíamos da liberdade que temos nessas conversas, da potencial profundidade que podemos atingir nos assuntos do viver, do sofrer, do resistir. Passamos então a aprender sobre a religião do paciente, sobre sua profissão, remédios caseiros, superstições, sobre as relações familiares, e os valores de cada um. Construimos no nosso interior um labirinto de idéias e em cada situação, buscamos essas experiências para nos apoiar, ampliando nossas possibilidades de reação. Ouvi uma vez que a experiência é o pente que Deus deu ao careca; deixamos então ser penteados, já que o pente ainda não nos foi dado.

A partir das conversas com os pacientes temos duas opções: firmarmos-nos em nossas próprias certezas, julgando e condenando ações e pensamentos, mesmo que silenciosamente, ou tentamos ser “mente-aberta”, lutando para não fazer análises superficiais da vida alheia e da própria. Mas não é tão simples deixar tudo passar livremente pela cabeça: nossa mente não é um rio linear, mas possui inúmeros meandros e sedimentos, troncos de árvore e até mesmo lixo chocam-se na curva do rio.

“Aprender” a conversar com as pessoas é singular. Mesmo com sua dupla, cada um tem pelo mesmo paciente um carinho, um repúdio, um conceito, muito ímpar. Além de nos sintonizarmos com o paciente, tentando entender o que foi dito por gestos, olhares, silêncios, nos sincronizamos também com essa nossa

dupla. Estamos lá para nos apoiar, aprendemos isso também. Quando um passa mal, ou não consegue fazer alguma das perguntas, ou até mesmo percebe que o paciente não está assim tão disposto, é sua dupla que te cobre, te auxilia.

Técnica, nos é ensinada a melhor, mesmo que as aulas pareçam (ou sejam) maçantes e infinitas, fazem parte do treinamento. Na beira do leito, é fundamental ter em mente o que se aprendeu em sala de aula. Tento fazer um exercício em toda discussão de caso em beira de leito: imaginar-me sendo visto por olhos de 10 a 12 pessoas estranhas, que nunca vi, e tendo minhas particularidades, minha intimidade, discutidas. Estando doente, frágil, pessoas vêm ver meu corpo, por a mão em mim. Penso que não se fazem necessários comentários no que concerne ao poder que nos é dado em nosso processo de aprendizado, e ao nível de respeito que temos que ter com essas pessoas, que, literalmente, doam seus corpos e permitem que suas vidas sejam destrinchadas em prol do estudo de outrem.

Todas essas situações, teorizamos perfeitamente. Mas na vida, não é algo em que pensamos “oh, vamos praticar a empatia, sendo respeitosos e tentando entender o paciente em sua integridade”. É dinâmico, pura fluidez de atitudes, como tocar numa orquestra: se errou, ninguém pára te esperando, mas você tem que pegar lá na frente, acompanhar a métrica, e tentar sentir se deve tocar allegretto, ou pianissimo. Não há disciplina que ensine essa sensibilidade; temos que praticar diariamente. O bom músico é aquele que sabe escutar.

Marcos Marangoni - 48

WORKSHOP 2012

Feedback: entrevista com um participante do workshop

Entrevista com o vestibulando para Medicina Joaquim Barreto Oliveira.

Qual sua impressão sobre como é ser um aluno da Medicina Unicamp?

No dia do Workshop conheci alguns estudantes do primeiro ano e passei a maior parte do tempo conversando com eles, o que me ajudou a entender melhor a realidade de um aluno da medicina. Ficou bastante claro, em primeiro lugar, que para nenhum deles o esforço requerido pelo vestibular foi em vão. É óbvia a satisfação com o curso e com a faculdade pela qual tanto se esforçaram. Além disso, percebe-se uma união muito forte entre os alunos, que, com certeza, servirá como um estímulo para aguentarem um curso tão puxado. Esse reconhecimento é ainda mais visível nas ligas, onde os estudantes me pareceram bastante saísfeitos por poderem, desde o início, ter contato com a área que mais os interessam. Mas, de qualquer forma, acho que a principal característica de todos que conheci foi a adoção da UNICAMP não apenas como faculdade, mas como uma identidade da qual se orgulham de representar.

O que significa estudar Medicina pra você?

Acredito que estudar medicina é se instrumentalizar de forma que sejam adquiridas as competências necessárias para se aliviar o sofrimento humano. Para mim, essa visão do curso é mais completa do que a da medicina como uma

forma de salvar vidas, apenas, pois essa última não considera que, muitas vezes, saber lidar com a perda de um paciente pode ser mais determinante do que ter os meios, as vezes insuficientes, para salvá-lo. Mas, de qualquer forma, acho que o significado da medicina é muito diferente para cada pessoa e só pode ser alcançada pela convivência com a profissão.

O que você achou da Faculdade de Ciências Médicas?

Dois pontos foram de grande destaque para mim. O primeiro é a impecável estrutura oferecida, a começar pelo hospital, auditório e área da anatomia. O segundo foi o incentivo à iniciação científica comentado por vários alunos, que eu considero essencial numa universidade desse porte. Além disso, fiquei impressionado com a estrutura voltada para o esporte e outras atividades que abstraem um pouco o aluno do curso, que já exige muito dos estudantes.

O que você acha que faltou?

Tempo. Sem dúvida por mais tempo que passassemos lá não acharíamos suficiente, porque realmente foi uma experiência muito boa. Mas, acho que poderia ter sido destinado mais tempo para as ligas. Talvez uma forma de fazer isso fosse criar mais grupos, claro que com um menor número de ligas a ser visitado por cada um deles, mas de um jeito que pudessemos conhecer mais cada uma das áreas escolhidas. Além disso, seria interessante um

contato mais direto com a anatomia, o que recairia na questão do tempo já comentada. Fora isso, tudo perfeito.

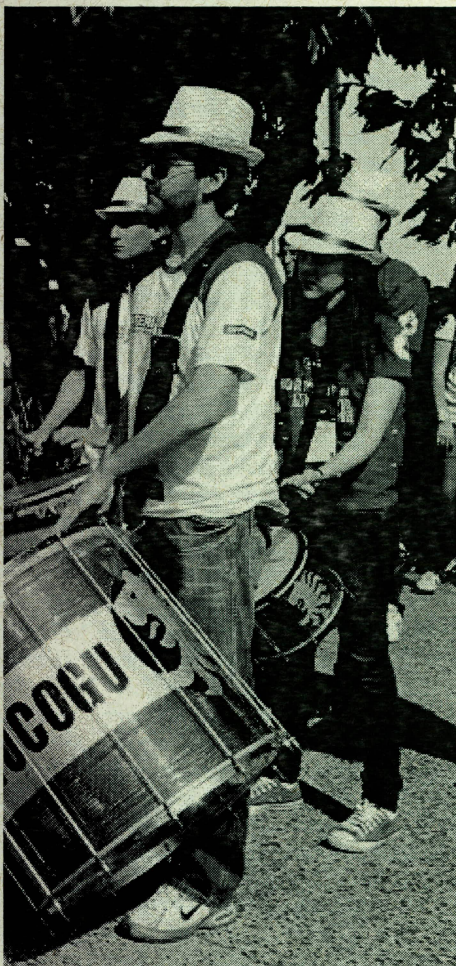
O que você achou mais interessante e queria saber mais?

O que mais me interessou foi saber sobre a vida universitária, o que pude conhecer por meio dos próprios monitores - muito legais, por sinal -, mas outras coisas como a estrutura do curso, atividades além da grade curricular oferecidas pela unicamp e a possibilidade de intercâmbios, por exemplo, foram alguns aspectos que gostaria de saber mais aprofundado.

Repetindo o formato de 2011, o Workshop de Medicina da Unicamp desse ano foi realizado em duas datas. No total, compareceram cerca de 630 inscritos (350 em junho e 280 em agosto), que assistiram a apresentações do CAAL, das Ligas Acadêmicas e a palestras. Ainda que cansativo, o Workshop é sempre um evento gratificante, principalmente pela satisfação expressa pelos vestibulandos.

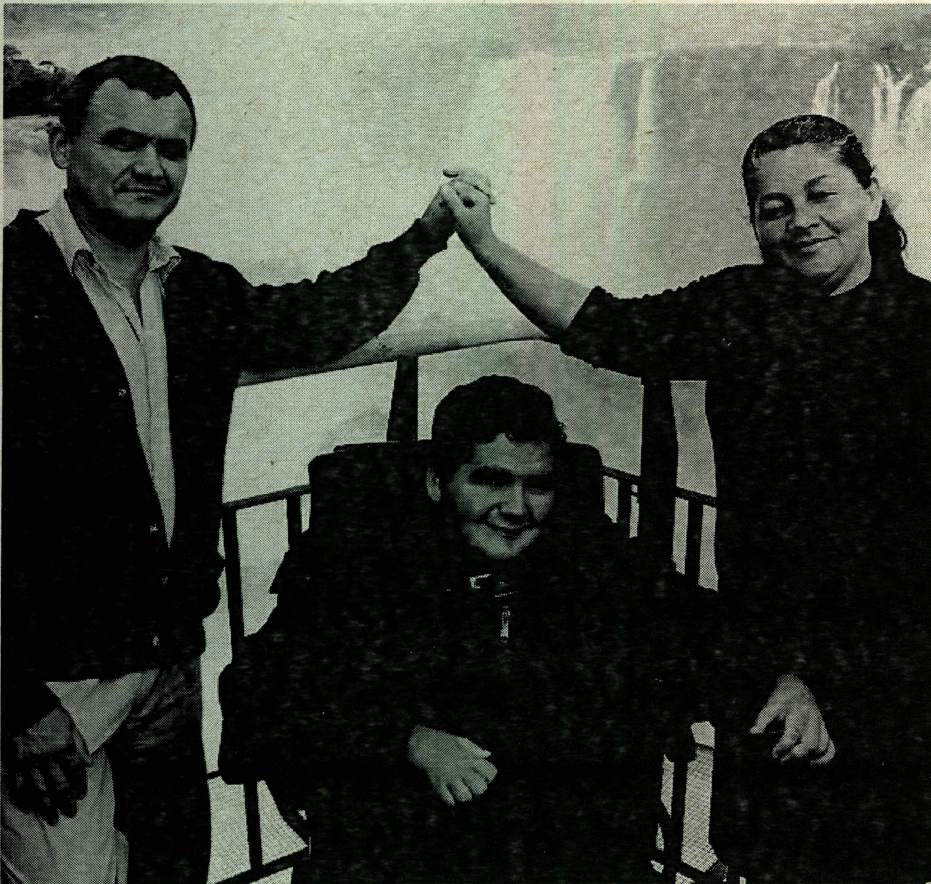
Agradecemos aos professores Jamiro, Flávio e Amilton e à aluna Mayra pela participação nas palestras. Agradecemos também à presença das Ligas, da Batucogu e de todos os monitores - e já aproveitamos para os convidar ao Workshop 2013!

Gestão Outras Frequências



MEDICINA

Aprendiz de Médico



Sinceramente, não me lembro do nome do médico que instituiu o ensino da medicina à beira do leito, mas sei que não foi há muito tempo (pouco mais de 100 anos). Também sei que anteriormente os estudantes passavam os anos da graduação ouvindo seus mestres lendo descrições de doenças que constavam nos tratados de medicina. Não consigo imaginar como era possível aprender medicina dessa forma: saber na ponta da língua os mínimos detalhes da fâcies leonina sem nunca ter examinado um hanseniano. Penso que temos muito a agradecer ao nobre colega que nos mostrou o crasso erro.

Passar todas as manhãs na enfermaria, fazer nem sei mais quantas anamneses e conhecer histórias e pessoas novas todos os dias, examinar os pacientes dos pés à cabeça pedindo que repitam pela milésima vez “trinta e três”, fazer o relato ao professor, levar uma bronca por esquecer-se de perguntar todos os 10 caracteres da dor, pensar em todas as possíveis causas para cada sintoma e chegar a algumas hipóteses diagnósticas. Os achados de exame conferem com as hipóteses? Quais os exames a serem pedidos? Como interpretá-los? Diurético de alça ou tiazídico no caso do sr. Fulano? É a rotina do terceiro – anista aprendiz de médico.

E poderia ser outra? Como aprender a diferença entre o timpânico e o claro pulmonar, identificar a hipersonoridade da B2, a variação normal do murmúrio vesicular e classificar a cianose em cruzes a não ser examinado dezenas de pessoas? É no leito que está o doente, e na

interação com esse, a medicina. Em pé, a beira da cama, lentamente a incorporamos. Devemos muito aos nossos pacientes, dos quais nos aproveitamos (no bom sentido), muitas vezes, no momento mais frágil de suas vidas.

Adquirimos muita técnica passando pelas enfermarias, e isso é muito bom, mas medicina é ciência e arte, não menos importante a segunda. Aprendemos a conversar de um modo especial, a perceber pequenos detalhes que fazem uma enorme diferença, a perguntar tranquilamente sobre aquilo que ninguém quer falar e perceber quando é necessário fazer uma pausa para a lágrima. E mesmo sem saber muito sobre essa ou aquela doença, deixar claro aos pacientes que voltaremos no dia seguinte, mesmo que apenas para fazer uma rápida evolução, dando-lhe a atenção e a pequena medida de conforto de que tantos deles precisam.

O aprendizado de medicina tem sido uma grande e maravilhosa experiência ao aprendiz de médico que vos fala. Não me vejo fazendo qualquer outra coisa da vida, por mais que a carreira que escolhi seja, por vezes, bastante trabalhosa e cansativa. Vejo como o ser humano é forte em sua fragilidade e que aquilo que vivenciamos na faculdade nos mostra o tipo de atitude profissional que desejamos (e também que não desejamos) reproduzir no futuro. Decisão essa que, talvez, envolva algo além da medicina.

Paulo V. M. Rosa - 48

Jornada de Anjos

“Vamos procurar viver a vida nesta vida, de forma a deixar mais saudade do que alívio quando partirmos...” (Marcial Salaverry).

Durante dezoito dias deste maravilhoso ano, tive a honra de “participar” de uma grandiosa jornada que por sinal mudou-me a forma de pensar e ainda deixou uma enorme marca dentro de mim, foram estes, os que passei internado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) com um quadro de pneumonia.

Um indo e vindo sem cessar, na busca incessante pelo conhecimento da ciência da vida acompanhava a partir de meu leito, durante todas as horas que compõem um dia, a correria de anjos sem asas que aqui são denominados de médicos.

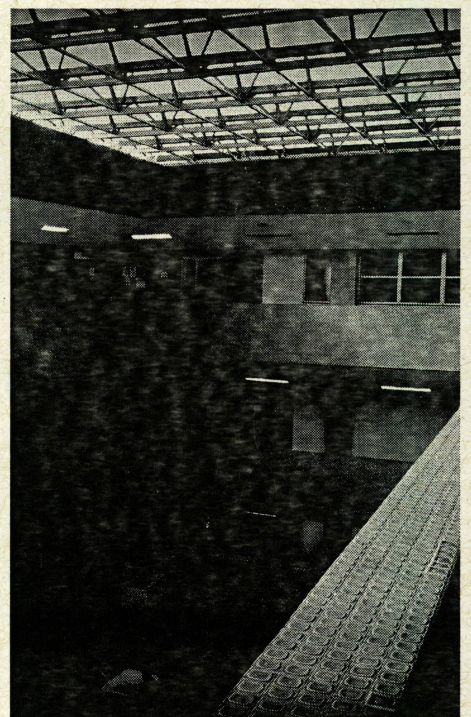
O desânimo estava fora de cogitação, era sempre um ambiente cheio de alegria apesar das circunstâncias. Quando menos esperávamos recebíamos visitas de médicos, alunos, professores dentre outros profissionais, que sempre buscara de melhor forma garantir o nosso bem-estar.

Foi uma sensação de enorme prestígio ser ajudado sabendo que também está colaborando com esses anjos, essa é uma grande vantagem de ser um paciente dum hospital-escola.

Grandes amizades ali foram construídas e conhecimentos compartilhados, os dias corriam como água de um ribeiro, mas as experiências, amor e dedicações que são aplicadas ali, dentro de mim serão lembradas eternamente.

Meus sinceros agradecimentos a toda a equipe, (enfermeiros, fisioterapeutas, alunos, médicos, professores e pacientes), pois agora acredito que nós completamos uns aos outros.

Jelres Rodrigues de Freitas



SPASMO

Ó Amada Semana da Pátria

A Bendita Semana da Pátria chegou. Um Oásis no deserto da Graduação na Medicina, uma ilha de Lost dentro da Unicamp (só o nosso curso tem o privilégio de amar a pátria por uma semana).

Cama para aqueles que têm sono.
Medalhas para aqueles que querem esporte.
Torcida para aqueles que querem medalhas.
Farra para aqueles que querem festa.
Comida de vô para aqueles que querem colo.
Carinho de amor para aqueles que estão enamorados;

Cheiro da terra amada para aqueles que têm saudades.

E plantão para aqueles que não têm mais essa mamata.

Natália Reis - 48

Aquele que diz Sim e Aquele que diz Não

“O PROFESSOR — Eu deixo com vocês a decisão do que fazer. Mas tenho que lhes dizer uma coisa: se vocês voltarem, vão ser cobertos de zombaria e vergonha.

Os TRÊS ESTUDANTES — Não é vergonha ele falar a favor de si próprio?

O PROFESSOR — Não. Eu não vejo nisso nenhuma vergonha.

Os TRÊS ESTUDANTES — Então nós queremos voltar. Não vai ser a zombaria e não vai ser o desprezo que vão nos impedir de fazer o que é de bom senso, e não vai ser um antigo costume que vai nos impedir de aceitar uma idéia justa.

Encoste a cabeça em nossos braços.

Não faça força.

Nós levamos você com cuidado.

O GRANDE CORO — Assim os amigos levaram o amigo

E eles criaram um novo costume,

E uma nova lei,

E levaram o menino de volta.

Lado a lado, caminharão juntos

Ao encontro do desprezo,

Ao encontro da zombaria, de olhos abertos,

Nenhum mais covarde que o outro”.

Trecho retirado da peça de Bertold Brecht
“Aquele que diz Sim e Aquele que diz Não”

Caráter

“Meu caráter verdadeiro é de pouca relevância aqui - replicou Elizabeth - É o caráter dos demais que me preocupa. Dedico boa quantidade de horas estudando-os”.

Elizabeth Bennet, “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen.



Cristiano Kozuki - 48

Talvez seja bom ter minhocas na cabeça

Este seria o título de mais um texto que eu não escreveria. Só não é porque estou escrevendo-o agora. Eu vivo imaginando bons títulos. Já pensei em vários. Invento ou escuto uma expressão que me agrada e logo comento: daria um bom título. Texto mesmo não sai nenhum. Fico só com o título. Aliás, nem com isso, porque não anoto nada, então ele logo se perde. Devem ser as minhocas que me atrapalham. Mas parece que desta vez saiu o texto, e tudo porque em uma conversa um amigo me disse que eu tinha minhocas na cabeça. Tenho que dizer a ele, contudo, que “talvez seja bom ter minhocas na cabeça”.

Se digo “talvez seja bom” se assume que a princípio seja ruim. Muito ruim. Não fui eu que inventei essa expressão, e quem foi com certeza queria que ela sempre fosse usada de maneira pejorativa. Por isso não escolheu outros animais quaisquer, mas as minhocas, que não instigam no homem sensações senão asquerosas. E além de tudo, nesta sentença, elas são parasitas. E ninguém gosta de parasitas. Anelídeos parasitando o órgão mais nobre do ser humano, aquele que o define. Contudo, eu não interpreto bem assim. Não gosto dessa imagem. É estática e defensiva demais. Quem já viu o cérebro no formol sabe que ele é só um tecido acinzentado sem graça. Por isso eu não acho ruim que minhocas o parasitem. Acho, pelo contrário, que pode ser que seja até bom. Quando ocorre de elas entrarem pela orelha, olhos ou nariz para viverem na cabeça de alguém, sempre trazem um bom movimento. E tem outra coisa legal das minhocas: o formato. São compridinhas. Movem-se, cada uma em sua direção e sentido. Caótico, mas ainda assim, no final sempre há um resultado novo.

É bem complexa e sensual a imagem de um envelado de minhocas, não?

Vou dar um exemplo. Enquanto escrevo estas palavras, há várias minhocas se mexendo aqui na minha cabeça. Dá para sentir. Cada palavra que surge em meu pensamento é resultado de uma nova conformação, dinâmica e imprevisível, desses animaizinhos. Mas também, a cada letra digitada, surge um questionamento, vindo de uma das anônimas cidadãs moradoras de meu crânio. Elas são bem críticas, sabe? Você não faz idéia de como minhocas podem ser críticas. Como eu já disse lá no começo, quando não tomo cuidado, elas me atrapalham bastante. Mas elas argumentam bem, pelo menos a maioria delas, e também são muito democráticas. Quer dizer, a democracia do “quem grita mais alto”, mas ainda assim quase sempre chegam a um acordo. Quando não há acordo, elas se multiplicam tanto e tão rapidamente que começa a doer. Aí eu tenho que matar algumas delas com o antisséptico mais velho que o homem conhece. Mas o pior mesmo é quando elas diminuem em número, sabe? E isso acontece quando elas começam a concordar demais, geralmente em coisas negativas. Já tentaram inventar remédio para esse problema, mas parece que é caro, corta o apetite, dá insônia e provoca náuseas em 12% dos pacientes.

Agora escuto algo incômodo de uma das minhas minhocas, uma das minhas companheiras mais antigas, tenho que dizer. Ela diz sarcasticamente que eu sou “o rei das alegorias” e tira sarro de todo esse texto. Como fui convencido, vou terminá-lo antes que essa alegoria se torne cansativa. Será que se eu desse um nome para uma das minhas minhocas o texto ficaria mais interessante? Matilde.

Daniel Montanini - 47

SPASMO

Sem sal

Sabe o que mais me irrita em você?
É que você é tão previsível,
tão morno,
tão bolacha água e sal!

Acredita nos editoriais,
dá risada dos comerciais,
fala de política,
como se vendesse balas no semáforo!

Isso é de dar nos nervos,
ouvir sua conversa muda,
que só grita com os olhos,
ou quando te insulto,
com impropérios,
ou indultos.

Irrito-me a certo ponto
que desejo-lhe
nos momentos em que me afogo
nas torrentes da raiva
que você tome morada
eterna e gelada,
nas sombras eternas,
para não mais me coçar
com as pulgas da paciência,

Contudo,
num segundo,

já revolvo as opiniões,
grito de joelhos,
lamúrias e perdões,
e justifico
que ser sem sal,
em meio a obesos,
hipertensos e bufões,
pode até ser uma palatável,
deglutível e suspirável,
prato incorpado,
se bem acompanhado,
um caldo de relação!

Fabrizio Donizete da Costa (Bambu) - 45

Pouco

Doze horas por dia sou médico
oito horas por dia sou sono
quatro horas que sobram sou pouco
pouco que discute mas não aplica
pouco que aplica e só estuda
pouco que estuda o que discute
mas pouco sente que algo muda.
Metade do dia que examino
meu âmago corrompe o olhar intruso
os óculos do normal escondo, mas uso
hoje doutor, outrora menino
se quebro a lente, então me entrego
não mais menino, adulto cego.
Doze horas por dia sou míope

oito horas por dia sou mudo
quatro horas que sobram sou louco
entre livros de outro tempo
e óculos deste mundo
empilhados no mesmo criado mudo.

Henrique Sater - 45

Descobrimento

Abancado à escrivadinha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De supetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.

Não vê que me lembrei que lá no Norte,
meu Deus!
muito longe de mim
Na escuridão ativa da noite que caiu
Um homem pálido magro de cabelo escor-
rendo nos olhos,
Depois de fazer uma pele com a borracha
do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.

Esse homem é brasileiro que nem eu.

Mário de Andrade

24 de Outubro



CAAL

2012



Save the date.

O PATO LÓGICO

FOTOS HAPPY HOURS

Fenômeno como a enchente	1	Cair flocos de gelo	(?) logo, expressão de despedida	Moderação (fig.)	O por do Sol	Sua capital é Porto Velho (sigla)	"Obrigação" do lavrador, antes do plantio	Desfaz (no)	Sufixo de "virose"
Apaixonado	2	3	4	5	6	7	4	1	6
Formam o arco-íris	8	2	9	2	10	6	7	2	8
Cereal de mingaus	4	11	2	12	4	Sufixo de "lipase"	4	8	2
Utiliza	13	8	4	Molusco bivalve	6	8	9	7	4
Veículo rural	9	7	4	Altura (abrev.)	9	6	7	O "tu" oblíquo	9
Nota da Redação	3	7	Estuda (o livro)	4	2	Gostar muito de	4	5	4
Primeira apresentação de um filme	2	8	Crustáceo de sopas	9	7	Capacete (pl.)	4	12	4
Sílaba de "niquel"	3	12	1050, em romanos	5	14	A família	4	4	7
Abri a força (casa)	4	7	Temor do camelo	7	6	Ato de defesa do passaro	15	4	7
Imã do pai	9	12	4	Ola	6	12	Local de trabalho do pedreiro	5	4
Apelido de Luciana	14	13	Monte avistado por Cabral	16	4	8	10	6	4
A moeda do Brasil	7	2	Pron. fem.	4	14	Desabotoei a camisa	4	15	7
Simbolo de alumínio (Quim.)	4	14	Andava com pressa	10	6	7	7	12	4
Imitam os cães	14	4	9	2	5	(?) poucos: gradualmente	4	6	8

Resposta em www.caalunicamp.com.br



9				8		2		6
7			6		5	1	8	
						5	9	3
8			5					7
	9				8	3	6	
3	1	5		7	6	9		8
	8		2	6			4	
6	7		9		4		3	